

- Certa ocasião eu estava conversando com meu anjo da guarda, ele virou-se sério pra mim e disse, “Simona, ou você vai ser alguém na vida, ou vai morrer crioulo mesmo.”

- Alegria, alegria, alegria, alegria...

- O Simonal pra mim é o Rio de Janeiro. Quem não viu o Rio de Janeiro dos anos 50 e 60, não sabe o que perdeu. Quem não viu Pelé jogar, não sabe o que perdeu. Quem não viu o Simonal cantar, não sabe o que perdeu.

*- Copacabana carro zarpar  
Todo lubrificado  
Prá não enguiçar  
Roda talalarga genial  
Botando minha banca  
Muito natural  
Simbora...1 2 3  
Camisa verde claro, calça santropê  
E combinando com o carango  
Todo mundo vê  
Ninguém sabe o duro que dei  
Pra ter fon fon  
Trabalhei, trabalhei  
Pra ter fon fon  
Trabalhei, trabalhei  
Depois das seis  
Tem que acender farol  
Garota de menor não pode ser sem sol...  
Barra da Tijuca já michou  
A onda agora é  
Deixa cair no levador  
Simbora...1 2 3  
Garota mini saia essa onda é bem  
E todo mundo no carango  
Não sobrou ninguém  
Ninguém sabe o duro que dei  
Pra ter fon fon  
Trabalhei, trabalhei*

- Ele faz parte daquela geração de artistas que vão pra música assim, como vai num prato de comida. Então, eu acho que isso cria uma relação diferente artística; já define logo de cara essa coisa das raízes, né? Minha avó era empregada doméstica, ele teve que trabalhar desde cedo. Um cara que é pobre, negro, aquele cara com a auto-estima zero... Aí foi justamente quando ele vai servir o exército que ele descobre a música, que ele tinha o dom pra cantar.

- Um, dois, três, quatro...

- *Waldemar é um recruta biruta, que não sabe nem marchar*

- Ele queria cantar, e ela dizia, “é um loucura! É uma vida que não tem garantia nenhuma. Eu quero que ele continue no exército, que é muito mais garantido.”

- Nós havíamos prestando atenção no Simonal quando ele era *crooner* do Drink, na época que tinha o Djalma Ferreira, Ed Lincoln, Silvio César, ele, Iara Martins, Niltinho... Fomos buscar ela lá pra estrear um show no Beco das Garrafas, e ele foi um dos responsáveis pelo Beco das Garrafas ter virado um lugar importante de entretenimento musical no Rio de Janeiro.

- Refletores de papelão, cartuchos de papelão com lâmpada e papel colorido... Isso eram os shows do Beco das Garrafas. Elis Regina, Sérgio Mendes, Wilson Simonal... é mole?

- Não era famoso, vamos dizer, mas já tinha uma força sim. Quando ele cantava, as pessoas começavam a prestar atenção. Virava show.

- Ele fazia o que queria da sua voz privilegiada, da sua garganta ordenada em compassos, em musicalidade e em rítmica. Ele realmente era um músico cantor.

- *Esta noite quando eu vi Nana  
Vi a minha deusa ao luar  
Toda noite eu olhei Nana  
A coisa mais linda de se olhar  
Que felicidade achar enfim  
Essa deusa vinda só pra mim*

- Era muito diferente de sambistas negros. Não tinha cantores negros românticos, cantores negros de rock n’ roll, cantores negros nem de calipso, nem de ritmos tropicais, nada, né? Sambistas. E o Simonal foi esse primeiro que cantava rock, cantava cha-cha-cha, o primeiro sucesso dele foi um cha-cha-cha...

- *Teresinha, todo dia, dança o cha-cha-cha...*

- Ali, o mestre dele, o guru, foi o Carlos Imperial, que era um cara que tinha um *master* em malandragem, em cafajestice, carioca também.

- *Cha-cha-cha-cha, menina dança que eu quero ver  
Cha-cha-cha-cha-cha-cha, dança que eu danço com você*

- Muitos dos grandes sucessos do Simonal foram compostos pelo Carlos Imperial.

- *Eu sou o lobo mal, lobo mal, lobo mal  
Eu pego as menininhas pra fazer mingau*

- *Mas o que é isso, vovó? A senhora tá tão escurinha. O que que aconteceu? A senhora era tão branquinha.*

- *É que o sol lá na arquibancada do Parque São Jorge não é bolinho, meu filho...*

- Ele tinha um programa, Show em Simonal, na TV Record, na época áurea dos musicais na TV Record, que tava em pé de igualdade com as grandes estrelas comandantes de programas de auditório.

- *Quem tem dinheiro no mundo quanto mais tem, quer ganhar*

*E a gente que não tem nada fica pior do que está*

*Seu moço, tenha vergonha, acabe a descaração*

*Deixe o dinheiro do pobre e roube outro ladrão*

*Agora vou divertir, agora vou prosseguir*

*Quero ver quem vai ficar, quero ver quem vai sair*

- O grande êxito do Simonal, o grande *gap* de sucesso, foi o comando dele sobre a platéia. Aí foi a grande marca do Simonal.

- Hoje dá pra dividir em quatro grupos. Primeiramente, a turma do balcão. Luzes na platéia. O pessoal lá de cima. Dó. Certo? Vai lá... Alegria, alegria, alegria... Olha que em casa tá todo mundo olhando. Dó...

- “Alegria, alegria” era um bordão do Simonal. “Alegria, alegria,” em tom muito debochado.

- Alegria... sorrisos, gargalhadas... Hahaha

- As pessoas gargarejavam antes de ir pro show dele. As pessoas faziam vocalize pra ir cantar com ele, embasbacadas.

- O pessoal do meio: sol! E a turma do lado de lá: dó! O pessoal do lado de lá não jantou não, é? Bom, então agora vamos cantar ao alho e óleo, suave, suave. À antiga, sem champignon. No champignon.

- *Meu limão...*

*...sem champignon! Que “meu limoeiro”? É “meu limoeiro”! É sem champignon! Ao alho e óleo! No máximo uma cebolinha e uma salsinha cortada, no máximo... sem champignon!*

*Suave, suave!*

*Meu limão, meu limoeiro*

*Meu pé de jacarandá*

*Uma vez, esquindô lelê... pode dar um balancinho com a cabeça em tempo de valsa.*

*Outra vez, esquindô.... meio tom acima!*

*Meu limão, meu limoeiro*

*Meu pé de jacarandá*

- O show dele, quando eu cheguei ele tava no café, tomando um cafézinho. “O Simonal, não tem show?” “Tem, o pessoal tá cantando lá.” Eu falei assim, “é mesmo, é?” Aí eu fui lá, tava a platéia, com o palco vazio, “lá, lá, lá, lá, lá...” Aí ele entrou e continuou o show, e tal.

- Ele saía do palco, atravessava a platéia, e ia no outro lado, tomava um cafézinho no botequim e dizia, “olha os babacas cantando ali *Meu Limão, Meu Limoeiro*. Vou voltar.” Aí voltava, “meu limão, meu limoeiro”. Ele mandava.

- Sem perder o suingue! Lá de baixo! Subindo, pro céu, agora....

- Primeiro artista brasileiro a ficar famoso como um *entertainer*, o que se chamaria nos Estados Unidos. Uma tradição até, no *show business* americano. O cara que canta, que toca um instrumento, que conta piadas, que brinca com o público. O Sammy Davis Junior era um dos grandes dessa época, um dos ídolos do Simonal.

- *What's it all about, Alfie?*

*Is it just for the moment we live?*

*What's it all about when you sort it out, Alfie?*

Agora em português, ao pé da letra, com a mesma inflicção

*O que é tudo isto sobre, Alfredo?*

*Isto é apenas para o momento em que nós vivemos?*

- E eu acho que a intuição do Simonal como artista era muito legal, porque ele conseguia entender que ele podia ir além do simples fato dele cantar bem, né? Ele tinha uma coisa de ser um showman, de brincar, de interagir com a platéia, de se comunicar com a platéia, que era muito poderosa, assim...

- *Mais do que dá...* esse Alfredo, pra mim, “ganhar mais do que dá”, ele tava no time da bandeja...

- O Simonal cara, sabe como é que é, já tinha aquele jeito do carioca.

- Vozerão... falava, ainda dava uma empostada, aí o negócio ficava mais suingado. O Simonal conseguia suingar até no falar normal.

- Deixa comigo. Uma musiquinha pra machucar os corações.

- Ele tinha uma ligeira tendência pra avacalhar um pouco tudo, dava uma vulgarizada nas divisões, no jeito de cantar, né? Nessa, que ele via como malandragem, como pilantragem. Mas era mais pilantragem mesmo. É verdade, tinha um som de pilantragem. Como a lambada tem um som cafajeste.

- Pilantragem é um não enchimento, quer dizer, é o descompromisso com a inteligência.

- *Eu sei que tenho  
Muitas garotas  
Todas gamadinhas por mim  
E todo dia  
É uma agonia  
Não posso mais andar na rua  
É o fim...  
Eu era neném  
Não tinha talco  
Mamãe passou açúcar em mim...*

- Uma das melhores coisas que o Simonal fez foi dar à música que era considerada uma música, não era uma música do primeiro time, dos grandes compositores, dos grandes autores, dos grandes letristas, um suingue extraordinário, feito por ele e pelas pessoas que o cercavam, que ele sempre teve uma grande intuição musical, então era César Camargo Mariano, um gênio, como vocês todos sabem, e Erlon Chaves, um grande regente e arranjador. Com essa bagagem, com esses amigos musicais, o Simonal fez da pilantragem uma coisa de um grande suingue.

- A pilantragem era o único ritmo que combatia o iê-iê-iê nas boates. Quando tocava a pilantragem todo mundo dançava.

- *Ma-ma-mamãe eu quero mamar  
Mamãe eu quero mamar  
Mamãe eu quero mamar  
Dá a chupeta dá dá dá, dá a chupeta dá dá dá  
Dá a chupeta pro neném não chorar*

- Era uma história completamente isso: de ter músicas pras pessoas dançarem nas boates. Música brasileira de um jeito mais moderno, pras pessoas não só dançarem as músicas americanas que tocavam.

- E era um tiro como música pop, era uma das primeiras grandes manifestações do pop brasileiro.

- Pilantragem tem arranjos e um cuidado musical de grande qualidade, de grande qualidade.

- A pilantragem era uma bobagem. Rigorosamente, uma bobagem. Uma coisa do Carlos Imperial... Uma brincadeira, mas que não contribuiu em nada pra música brasileira, não deu nenhum filhote, não deu nada. Eu acho que foi uma bobagem. O Simonal era muito melhor do que aquilo.

- (...) *I was a baby, I had no powder  
Mommy sprayed sugar on me  
Mommy sprayed sugar on me*

- Ele começou a vender muito disco. Essa coisa de venda de muito disco incomoda um pouco a crítica. Porque mostra que o sujeito tá muito, e muito popular, muito dentro de um esquema mais comercial.

- *Vesti Azul!*

*Minha sorte então mudou*

*Vesti Azul!*

*Minha sorte então mudou...*

- Eu fiz um show com ele e Sarah Vaughan que era, na época, a maior cantora dos Estados Unidos. E não acredito que a Sarah Vaughan dividisse o *The Shadow of Your Smile* com muitos cantores não.

- Ms. Sarah, repeat with me.

- Okay.

- Por favor, não tumultuem. Gentlemen, I am speaking in English. Ms. Sarah, repeat with me: vou deixar cair.

- Vou deixar cair.

- Wonderful.

- *The shadow of your smile*

*When you are gone*

*Will color all my dreams*

*And light the dawn*

- Sing it, baby! Sing it, baby!

- *Look into my eyes, look into my eyes, oh pretty baby, and you can see  
All the lovely things, you are, to me*

- *Our wistful little star, our wistful little star*

*Was far too high*

*A teardrop kissed your lips*

*And so, so did I*

*Now when I remember spring*

*All the joy that love can bring*

*I will be remembering*

*The shadow of your smile*

- *Our wistful little star*

*was far, too high*

*A teardrop kissed your lips  
And so, so did I*

*- Now when I remember spring  
All the joy that love can bring  
I will be remembering  
The shadow of your smile*

- Ele nunca soube falar inglês, mas conseguia cantar em inglês um maravilha, né? Ele decorava, tudo bem. Mas ele, além do decorava, ele dava um floreado ao inglês. Então, se você não conhecesse, você dizia que ele era um negão do Harlem.

- Ele era um brilho no palco. Ele era o único artista internacional do Brasil.

- Na Argentina, no México, na Venezuela, esses lugares todos, ele já tava explodindo.

- E íamos com o Simonal, ou pra Buenos Aires, que era quase toda semana, que ele virou ídolo lá também. Como íamos pra Paris e vários lugares da Europa, a gente rodou.

- 320 shows, ou 340 shows num ano. Isso eu tô falando de 67, 68. Quer dizer, é uma loucura.

*- Ed in Febbraio, ed in Febbraio,  
che il carnaval, il carnaval!  
Ha il sole e il caffè,  
Ha il calcio e una ragazza chiamata Tereza.*

- O Simonal naquela época, estamos falando da década de 60, era um tremendo de um cartaz. Ele tava explorando esse cartaz dele, que era a oportunidade dele fazer a vida dele, dele ganhar o dinheiro dele.

- Porque ele realmente era uma pessoa que assumia que queria ser um cantor de sucesso. Ele me disse, certa vez: “porra, eu já sou negro, sou feio... quero mais é grana!”

- Ele era um grande vendedor de produtos, com comerciais que ele fazia. Ele era garoto propaganda da Shell, que era a grande empresa de petróleo da época.

*- Aproveite, aproveite, aproveite seu passeio  
Olá bonito, que tremendo possante*

*- Seu super Simona, é Shell que garante*

*- Alô bonequinha do sorriso insinuante*

*- Seu super queridinho, é Shell que garante*

- *Mas como é Shell Super, o Simona, o Simona?.*
- *Eu agora sou Shell Super, pra motor não tem rival!*
- *Shell Super!*
- *E a caranga, como anda como toca.*
- *Tinha a coisa do Mug, que era um bonequinho, que era uma coisa que dava sorte pras pessoas. Acho que ele já inaugurava essa coisa do artista com produtos licenciados.*
- *Olha o Mug! Mas que segurança!*
- *Essas coisas que a gente acha, sabe, que o negro quando tem dinheiro, não tem preconceito. Que aí a gente começa a ver que é foda o cara morar na cobertura e o tenente morar no segundo andar, entendeu?*
- *Ele era como aquele sujeito que se meteu a branco, para os brancos da classe dominante. O que era imperdoável.*
- *Ele sabia muito bem do racismo no Brasil. Ele sabia muito bem, e ele protestava do jeito dele.*
- *Senhoras e senhores, vindo não se sabe de onde, e muito menos por que: um negro! Ele é músico!*
- *Diziam que ele era um crioulo de nariz empinado, e tal. É porque ele não aceitava o “sim senhor”, “não senhor”. Porque ele era auto-suficiente, ele não precisava aceitar o “sim senhor”, “não senhor”.*
- *A sociedade não aceita, né? Porque tem que ser igual o Pelé, tem que ser bem comportadinho pra ser aceito.*
- *É, mas o Pelé não é preto, né? Todo mundo sabe que...*
  
- *Meu cabelo é duro*  
*E o meu nariz é chato*  
*Entre nós, um muro*  
*Somos como gato e rato*  
*Minha pele é escura*  
*Bem mais negra, minha vida*  
*Negro sem cultura*  
*Vai ganhar bebida*  
*Eu sou preto, negro, nego*  
*Mas, por Deus, também sou gente*  
*É verdade, ou brincadeira?*



*Negro é raça faladeira  
Mas, por Deus, também sou gente*

- O Simonal pegou, digamos, uma parte superficial do *black power*, de tudo. Mas a parte do orgulho negro, isso tudo, ele pegou meio de ouvido. Ele não entendeu muito direito, mas usou muito bem.

- O êxito de um crioulo, nesse nível, naquelas circunstâncias, naquele momento, também incomodava um pouco.

- Até que veio o tal do Festival!

- Organizado entre 67 e 72, o Festival Internacional da Canção foi tão importante, que se tornou parte do calendário oficial da cidade.

- O Simonal não concorreu nesse festival, aliás. Ele fez o espetáculo no meio do festival e arrasou! Foi aí que ele arrasou. Foi aí que ele causou a tal da inveja. Foi aí que começou a bronca.

*- Cidade maravilhosa  
Cheia de encantos mil  
Cidade maravilhosa  
Coração do meu Brasil  
Cidade maravilhosa  
Cheia de encantos mil  
Cidade maravilhosa  
Coração do meu Brasil*

- Eu tava sentado ao lado de Giulietta Masina, e converso com ela e tal. Aí o Simonal se apresenta, e ela falou, “eu nunca vi um cantor com essa possibilidade, com essa potencialidade de comunicação pública. O que é isso? Esse cara tem que ir pra Itália! Vai arrasar!” Eu disse, “pois olha, aqui ele já é visto com restrições por parte da crítica.” E ela, “que merda de críticos!”

- Eu lembro que o primeiro momento que eu vi o Simonal explodir foi depois dos festivais, que ele apareceu no Maracanã, e ele foi fazer abertura do show do Sérgio Mendes.

- O Sérgio Mendes ganhou o Grammy e resolveu fazer um show comemorativo no Brasil, e chamou o Wilson Simonal pra abrir o show, fazer a primeira parte.

- Ele entrou até com a fita na cabeça, que acabou virando uma marca registrada.

- Usava essa faixa, sem necessidade, porque o cabelo não ia cair no rosto nunca.

- Ele tava com uma enxaqueca terrível, tava com uma dor de cabeça incrível. E nervoso também, acredito eu, pelo show, que era um show grande no Maracanãzinho, sei lá, 30 ou

40 mil pessoas ali. Alguém falou pra ele, “olha amarra batata...” não lembro se era batata ou cebola. É uma simpatia comum aí que tem, de você amarrar com uma fita na cabeça pra passar a enxaqueca. E ele fez isso e ficou deitado, e um pouco antes dele entrar... “ah, vamos entrar, vamos entrar, vai começar, vai começar, é agora, é agora”. Ele entrou e esqueceu, e entrou com a fita.

- Ele foi contratado pra abrir e quase fechou, porque quase acabou o show depois dele. Porque o Sérgio Mendes não queria entrar depois dele, porque o Maracanã tava na mão do Simonal.

*- Mas ela vem chegando  
E feliz vou esperando  
A espera é difícil  
Mas eu espero sambando...*

- “Agora não dá mais! Depois desse sucesso do Simonal o que que eu vou fazer aí?” É verdade que o Sérgio entrou, interrompeu o show do Simonal, e o Sérgio entrou sob vaias.

- Ele não planejou que ele ia entrar e ia fazer aquilo acontecer daquela forma. Foi uma coisa que ele já fazia na televisão.

*- Meu limão, meu limoeiro...*

- Ele falou, foi muito engraçado, falou, “agora só os quinze mil do lado de cá! Agora os outros quinze mil do lado de cá!”

*- Meu limão, meu limoeiro...*

- O Maracanãzinho lotado, na mão ali do Simonal, “agora só os homens, só as mulheres”. Dava uma voz pra um pedaço do público, igual um regente de um coral.

- Olha o champignon! Atenção, meio tom acima, meio tom acima!

- Levando-se ainda em consideração que não era época dos shows de ginásio, de grandes estádios. Os artistas se apresentavam em teatros, em boates pequenas, de modo que aquele domínio de uma multidão de 30 mil pessoas...

- 40 mil pessoas...

- Com 50 mil pessoas, ele dividiu o Maracanãzinho.

*- Nem Vem Que Não Tem  
Nem vem de garfo  
Que hoje é dia de sopa  
Esquentando o ferro  
Passa a minha roupa*

*Eu nesse embalo  
Vou botar prá quebrar  
Sacudim, sacundá  
Sacundim, gundim, gundá!...*

- O Ronnie Von tinha uma Mercedes, o Juca Chaves tinha uma Lamborghini Countach, e o Simonal tinha três Mercedes.

- Era demais pra um negão!

- Ele fazia um sucesso tão grande! Ele era uma pessoa tão carismática! Ele era um talento tão gigantesco, que ele achou que era o dono, o rei da cocada preta.

- Não era um cara que se julgava o rei da cocada preta... ele era o rei da cocada preta.

- Esse negócio de dizer que dinheiro não traz felicidade, isso é tudo... sem essa do “eu, você, numa cabana”, sabe, esse negócio? “Não, pobre é que é feliz” e tal... tudo cascata! O negócio é eu, você, muita grana no bolso, férias, tutu num banco da Suíça, manja? Férias nas Ilhas Canárias... é simpático.

- É verdade que o sucesso te deixou mascarado?

- Eu sempre fui mascarado.

- E era um cara rico, ganhava grana, que andava com loiras em seus carrões, e tinha cobertura em Ipanema.

- Olá, tudo bem?

- Você não me conhece, não. Deve ter muita gente que vem assim, falar com você sem te conhecer, de modo que nem adianta eu dizer meu nome. Mesmo porque eu não costumo falar com gente que eu não conheço. Mas quando eu cismo com uma coisa, eu vou e faço, entendeu? Posso tomar um gole do seu uísque?

- Por favor.

- Boa pinta, não é? Podia não ser bonito, mas era boa pinta, tinha um bom porte. Que eu até brincava, ele era mais alto do que eu, não é? Ele, poxa, ele sabia conversar. Pô, ele tinha um pouco de carisma. Pô, não podia deixar ele falar muito. Se as meninas deixassem ele falar, tavam perdidas, entende?

- Uma vez, numa reunião que ele tava sendo esperado pra conversar sobre negócios, ele se atrasou. Então eu ouvi alguém dizer assim, “ele deve tá namorando uma de nossas mulheres.”

- Aquele negão charmoso, e tal... não sei o que, roupa, com as roupas, tinha um jeito provocante.

- O Simonal era marrento. Ele cantava pra mulher do cara, assim, cantava pra ela, dedicando a ela aquela canção.

- Isso é legitimão.

- Meu marido é seu fã. Meu marido é muito seu fã.

- Obrigado.

- Não, eu não vejo televisão, mas eu já lhe vi algumas vezes, e eu não gosto do seu jeito de cantar. Eu acho você metido a besta, vulgar. Mas aí, meu marido insistiu tanto que eu fiquei olhando você dançar. E eu confesso que eu mudei inteiramente a minha impressão a seu respeito. Eu não sei o que é, mas você pessoalmente, você é fantástico. Simplesmente divino!

- Do início dos anos 60, até a virada pros 70, ele foi numa ascensão vertiginosa, chegando a um ponto de emparelhar com o Roberto Carlos como o artista mais popular do Brasil, ali por volta, em 70 exatamente, que é onde o Brasil é campeão de futebol, tri-campeão no México. O Simonal tava junto, era uma espécie de cantor oficial da delegação. Fazia um imenso sucesso no México também, tanto quanto o Pelé.

- Pô, eu chegava no aeroporto, todo mundo pedia autógrafo pra ele. Quer dizer, parecia que ele era um jogador de futebol.

*- Brasil está vazio na tarde de domingo, né?  
olha o sambão, aqui é o país do futebol, pois é  
Brasil está vazio na tarde de domingo, né?  
olha o sambão, aqui é o país do futebol*

- Aquela coisa que você sabe, né, de boleiro com cantor. Ele dizendo que era bom de bola, que gostava de bater bola. Eu tinha um *society* lá na minha casa, no quintal tinha um *society*, aí nós brincamos lá. Aí começou nossa amizade.

- Os dois eram carne e unha. Chegamos a ir juntos pro México, aonde o Brasil foi tri-campeão, e lá se afirmou mais ainda essa amizade, Pelé e Simonal.

- Pô, é impressionante! Todo cantor quer ser jogador, e todo jogador quer ser cantor. Eu falava assim, “então vamos trocar aqui os papéis”, aí nós fizemos essa brincadeira com aquela foto.

- O Simonal encontrou lá os jogadores todos da seleção brasileira, que convidaram ele pra treinar. Ele foi lá. Então, o que eles fizeram? Fizeram uma brincadeira com ele. Deixavam ele passar, deixavam ele sustentar a bola, então ele tava, só dava ele no jogo.

- Estava havendo uma dúvida, se o Rogério seria inscrito, ou se seria inscrito o Leão, o terceiro goleiro. Aí o Carlos Alberto disse, “olha aqui, pra que Zagalo, pra que mandar buscar o Rogério, se o Simonal tá aqui? O Simona entende, joga uma bola redonda. Bota o Simona, pô. Ele já tá aqui.” E o Zagalo disse, “você joga, Simonal?”, “bato uma bola”, “então amanhã de manhã vamos fazer uma preparação física. Ver como é que você tá, que se você estiver bem eu te inscrevo.” Ele acreditou. Ele acreditou!

- Achava que tava bem, que era atleta, e ele falou assim, “pô, vou fazer uns dois toques”, porque a gente fazia brincadeira de dois toques, né? Aí, recreação... ele falou, “vou fazer dois toques com vocês aí”. Aí eu falei, “tá legal”, aí arrumamos pra ele fazer o dois toques. Botou o uniforme, botou a chuteira, tudo. Eu me lembro como se fosse hoje. Aí, ele foi fazer o dois toques. Quinze minutos de aquecimento, pô, ele se sentiu mal. Lá no México é alto, pô, deu um piripaque nele. Aí, ficou lá, teve que vir o doutor dar um oxigênio e tudo pra ele.

- Quando ele acordou, que tava todo mundo rindo, foi que ele percebeu que era uma gozação. Porque até aquele momento, ele achava que podia ser o ponta direita da seleção brasileira de 70.

*- Este é o meu Brasil,  
cheio de riquezas mil  
Este é o meu Brasil  
futuro e progresso do ano 2000  
quem não gostar e for do contra  
que vá pra...*

- O que eu acho foi que os militares aproveitaram a Copa do Mundo pra esconder um monte de crimes que tavam sendo feitos pro povo. Achavam que nós estávamos fazendo aquilo pro governo, porque era um governo militar, pra esconder do povo o que tava acontecendo.

- A gente tava vivendo a ditadura. Então havia uma coisa muito dividida, muito dicotômica, digamos assim. Quer dizer, havia o bem e havia o mal nítidos. Quer dizer, não havia essa coisa meio flu que tem hoje, assim: a turma do PMDB não é tão canalha, ou a turma do PT não é tão pura, quer dizer, entendeu? Aquela coisa era certa. Quem tava com a ditadura, não prestava. Quem tava contra a ditadura era o bem.

- A pessoas de direita achavam que todos os outros eram comunistas, e as pessoas de esquerda achavam que todos os outros eram gorilas. Havia um radicalismo total, e havia uma suspeição sobre as atitudes de todas as pessoas.

- Assim como a direita era perversa, a esquerda é intolerante.

- Se o cara não protestasse contra, o cara automaticamente era um defensor da causa e concordava com tudo que tava acontecendo.

- Achavam que o Simonal tava desperdiçando uma oportunidade de também ser uma pessoa a dizer coisas, mas é que o ritmo que ele cantava não servia pra isso.

- Agora você imagina o Simonal dominando a massa e dizendo, “e agora todo mundo vai pegar no fuzil aí pra...”. Não existe isso.

- *Moro...*

*Num país tropical,*

*Abençoado por Deus*

*E bonito por natureza*

*Em fevereiro (Em fevereiro)*

*Tem carnaval (Tem carnaval)*

- Tinha um modo de falar que ele colocou numa música e fez um grande sucesso, que era falar só a primeira sílaba. “Fulano é pi...”. “Pi” era pilantra. “Fulano é cha...”. É chato, não precisava dizer o resto. E ele fez “mo, num pa tro pi, abençoá por Dê”.

- *Mo...*

*Num pa tro pi,*

*Abençoá por Dê*

*E boni por naturê (Mas que Belê!)*

*Em feverê (Em feverê)*

*Tem carná (Tem carná)*

*Eu tenho um fu um vio*

- O *País Tropical* é do Jorge, né? O Jorge que fez a música, e o Simonal gravou. O Simonal não foi nem quem lançou. Primeiro gravou o Jorge. O Simonal regravou, no estilo dele. E aí acusaram-no de ser ufanista. Ufanismo era uma coisa proibida, não se podia ser brasileiro naquela ocasião lá da revolução. Quem dissesse “viva o Brasil” era um direitista.

- O que passa pela minha cabeça, eu que vivi o *País Tropical* sendo lançado com sucesso, que gosto da gravação do Simonal, que é genial a gravação do Simonal, do pa-tro-pi, eu vejo que é um hino de amor ao país, ao Brasil de sempre. Não necessariamente, e muito menos, pela ditadura. Não há por quê.

- Diziam que ele ajudava a ditadura, porque ele fazia com grande competência divertir as massas. Então, você vai divertir as massas nesse momento, em que as mães estão chorando em casa, que filhos não voltam, que não há liberdade. Bom, aí era um mundo horroroso, e tu também não poderia fazer nada.

- Quem classifica como ufanista a gravação de *País Tropical* feita pelo Simonal é um débil mental, né? Um débil mental.

- Essa nuvem de chumbo, na verdade, desde que ele nasceu ele sabia o que era isso. Ele sabia porque ele era o cara, o negrão que toda a semana a polícia parava o cara, “documento, não sei o que, vadiagem, não sei o que... colé, macaco? Não sei o que...”. Era

o cara que tomava dura todo dia da... entendeu? Da polícia, a vida inteira, então ele... é um momento, assim, que ele tava se dando bem e que era uma coisa, sabe, era pelo trabalho dele ali, né? Ele tava plantando... ele tava recebendo as coisas que ele tinha plantado a vida inteira. Então, era um contra-senso assim, com a nação.

- O Brasil tava bombando. Os brasileiros estavam orgulhosos de serem brasileiros e a aprovação do governo militar, que era um dos mais truculentos de todos, o governo Médici, era enorme.

*- Oh, meu Brasil, eu gosto de você*

*Quero cantar ao mundo inteiro*

*A alegria de ser brasileiro*

*Conte comigo, Brasil*

*Acima de tudo brasileiro*

*Conte comigo, Brasil*

- Naquela virada dos anos 70 ali, o Simonal era o som do Brasil grande, do governo militar, triunfante.

- O sucesso, ele é envolvente. É realmente muito difícil uma pessoa não ficar fascinada pelo sucesso.

- Eu me lembro que uma vez nós fomos a uma sauna depois do ensaio. Ele falou, “malandro, aonde é que tem uma sauna por aqui no Leblon?” Aí eu falei, “tem ali na Carlos Góes, a Termas Leblon”. E fomos pra lá, ele num Oldsmobile conversível importado, raro na época, vermelho. E quando chegamos na sauna, estenderam também um tapete vermelho pro Simonal. “Simonal, que prazer! Posso chamar o fotógrafo? Posso chamar os jornalistas?” E ele, “pode, pode, pode...”. Aí foto pra cá, foto pra lá. Simonal faz o cabelo, Simonal faz a unha. Gente paparicando ele, como se paparica um grande ídolo, né? E eu vi que ele prestava atenção na casa, assim, e de repente ele falou, “Miele, que número é essa casa aqui?” Eu falei, “aqui é não sei o que Góes, né... 84. Carlos Góes 84.” Ele falou, “malandro, minha mãe foi cozinheira nessa casa aqui. Nesse imóvel. E a família não admitia que a empregada tivesse filho, então ela fazia o almoço, fazia uma marmitinha pra mim, disfarçado da família, levava essa marmitinha e punha no fundo do quintal encostada no muro. Eu pulava o muro, pegava a marmita, pulava pra fora, almoçava, jogava a marmita de volta.” Essa diferença entre a marmita do fundo do imóvel e o tapete vermelho na porta da frente pra chegada do astro evidentemente mexeu com a cabeça do Simonal.

- Eu compus uma música, em parceria com meu amigo Ronaldo Bôscoli, e intitulei *Tributo a Martin Luther King*. Essa música, eu peço permissão a vocês, porque eu dediquei ao meu filho, esperando que no futuro ele não encontre nunca aqueles problemas que eu encontrei, e tenho, às vezes, encontrado, apesar de me chamar Wilson Simonal de Castro.

*- Sei, sou um negro de cor*

*Meu irmão de minha cor*

*O que te peço é luta sim*

*Luta mais!*

*Que a luta está no fim...  
Cada negro que for  
Mais um negro virá  
Para lutar  
Com sangue ou não  
Com uma canção  
Também se luta irmão  
Ouvir minha voz  
Oh Yes!  
Lutar por nós...  
Luta negra demais  
(Luta negra demais!)  
É lutar pela paz  
(É Lutar pela paz!)  
Luta negra demais  
Para sermos iguais  
Para sermos iguais*

- Ele cometeu um grave erro.
- Um erro fatal.
- Não sei até aonde é verdade.
- Lamentavelmente, as versões são mais importantes do que os fatos.
- Eles tavam loucos pra poder pegar o Simonal.
- Esse negão tem que tomar mesmo, tem que foder com esse negão!
- Ele não mandou bater.
- Como é que, de repente, ele era um bandidão?
- Ele foi vítima de uma conspiração.
- O público pagou, alguém tem que morrer.
- Do que eu sei, é que ele realmente havia sido roubado. Estava sendo roubado pelo contador dele.
- Um dia ele tá no escritório dele e descobre que ele tá quebrado, entendeu?
- Não entendia de negócios, de dinheiro, de investimentos...



- Ele usava o dinheiro que ele ganhava, ele sabia que ele podia usar, mas sempre tava estourado no banco. Porque ele não tinha noção real do que, sabe.. comprava, “ah, quero comprar um negócio, vou comprar.”
- Que ele tenha acusado o contador de desviar dinheiro, eu nunca soube disso. Pelo menos pra nós, ele nunca chegou e disse, “olha, pessoal do Som 3, tem um camarada aí que tá pegando nosso dinheiro, que tá colocando no bolso, ou tá colocando em algum lugar...” Nada, nada, nada...
- Quando soube que tava quebrado, ele ficou putíssimo, né? Imagina um crioulo de 1,85 m, puto, entendeu? Foi pra cima do contador.
- “O quê? Me roubaram?” “Não, vou chamar a Arthur Andersen pra fazer uma auditoria, chamar uma junta de advogados e contabilistas. Vamos apurar. As responsabilidades serão apuradas, doa a quem doer.” Pegou três caras, falou “dá uma coça nesse filho da puta!”
- Contam uma história, não sei até onde é verdade, que o Simonal sequestrou o cara.
- Duvido! Mas olha, duvido mesmo que o Simonal tenha mandado torturar o nosso contador.
- Era um pessoal do DOPS, que era o órgão de repressão política odiado, né, que prendia as pessoas, torturavam...
- Os detetives bateram. O Simonal não pediu pra bater.
- Ele é acusado de extorsão, de uma coisa que ocorreu dentro de uma delegacia do DOPS. Eu não consigo entender como um civil pode ser acusado de bater numa pessoa dentro de uma delegacia.
- O Simonal foi chamado ao distrito, mas ele foi Simonal, ele foi Simona, ele foi artista, o cara que fazia todo mundo cantar. Ele jamais pensou em sofrer uma pressão por parte do delegado. Aí sentou pra dar o depoimento dele e, de repente, ele percebeu que a coisa era séria. Não era a brincadeira que ele pensava. E ele ficou com medo. E, ao ter medo, ele achou que a saída dele seria se dizer um homem do governo.
- O Simonal foi mais ingênuo ainda e soberbo, e em vez de pedir desculpa, disse a imprensa, “é isso mesmo, eu tô com os homens mesmo, e todo mundo me adora.”
- Isso denota uma certa arrogância, um prepotência do Simonal, e uma ingenuidade também. “Eu sou o Simonal” Eu vejo ele falando, “eu sou o Wilson Simonal, cara, ninguém vai fazer... eu falo, passo a mão, ligo pro ministro do exército.” Mentira, entendeu? Bravata, folga, né, de falar “eu dou uma cana nesse malandro aí.” Eu vejo ele falando, todo mundo vê. O que não tem nada a ver com a verdade.

- Não sei como foi. Espalhou-se aí uma história de que ele havia dedado, de que pelo fato de acharem que ele trabalhava pro DOPS, que ele estava entregando os parceiros de profissão.
- Ele seria um informante do DOPS. Quer dizer, numa ditadura truculenta, aonde as pessoas tavam morrendo sob tortura, não entregavam os... a delação era o pior crime.
- As pessoas não pensam muito no que estão fazendo, e uma vez que começou, a bola vai correndo, a bola vai correndo, e aí você não segura mais.
- E imediatamente, o Pasquim, que era um órgão maravilhoso, por um lado, mas que tinha esse aspecto de patrulhamento cultural, o Pasquim logo detonou.
- Todo mundo tinha certeza que tava lutando do lado certo. Quer dizer, a gente tinha no Pasquim o lixo da história. Já julgava todo mundo, e jogava no lixo da história quem não tava fechando com o pensamento do pessoal do Pasquim. Uma coisa que faz muito sentido, quer dizer, porque a intransigência é uma coisa que vive em função de circunstâncias também. Grandes intransigentes daquela época, que não perdoavam qualquer desvio de conduta, depois se desviaram violentamente de conduta quando as circunstâncias mudaram.
- O Pasquim adotou uma técnica pra espinafrar a ditadura, sem que a censura percebesse. Era espinafrar pessoas que apoiavam a ditadura.
- A condenação de Simonal não começa no Pasquim. A criação dessa mitologia, quer dizer, dessa história toda, começa na imprensa diária brasileira.
- O inspetor Borges, um torturador que se orgulhava de ter prendido Juscelino no Teatro Municipal. E foram entrevistar esse cara, “e o Simonal?” E ele disse, “alcaguete da polícia”. Esse cara disse que o Simonal era alcaguete da polícia.
- Logo em seguida que o Pasquim publicou coisas, né, dessa denúncia, ele apareceu no Opinião, no Teatro Opinião, nas rodas de samba que tinha às segundas-feiras lá. E foi uma vaia, mas foi uma vaia, daquelas arrasadoras. Foi uma vaia que me assustou, porque eu tinha visto a apresentação dele no Maracanãzinho. Eu falei, “meu Deus, que contraste!”

*- Passei a ser olhado com atenção  
 E fui agradecer pela opinião  
 Então senti que o broto  
 Estava toda mudada  
 Parecia até  
 Que estava apaixonada  
 Então eu fiz charminho  
 E acrescentei  
 Só vim aqui saber  
 Como eu fiquei  
 E aquele olhar do broto*

*Me confirmou  
Vesti Azul!*

- É o crime que o cristianismo não perdoa, que é o crime... você pode matar a mãe que eles perdoam, mas entregou... Judas, você não perdoa.

*- Minha sorte então mudou  
Vesti Azul!  
Minha sorte então mudou*

- Dá-lhe, Simona!

- Alegria!

- Eu acho muito difícil, mesmo com a ingenuidade do Simonal, que ele viesse a ser um informante do DOPS naquele tempo, porque, primeiro, ele não sabia de nada, nada. Não sabia nem porque... porque não se interessava por isso. Tava preocupado em ostentar sua riqueza, suas mulheres, em se divertir, não tava nem aí. Era mais o que ele tinha que fazer mesmo, vindo de onde ele veio, vivendo a vida que ele levou, ele merecia. Era legítimo.

- A imprensa era quem menos se interessava em esclarecer isso, porque isso pra imprensa era um prato.

- Isso traz à tona um problema que ocorre com a imprensa no Brasil, e no mundo, hoje em dia, né? Não é só no Brasil, não. É tomar o sintoma por indício, tomar o indício por fato, o fato por julgamento, o julgamento por condenação, e a condenação por linchamento.

- O Simonal seria incapaz de ser um alcaguete do SNI. Ele até aceitaria ser o diretor, presidente do SNI. Nada abaixo disso.

- Não teve um movimento a favor. Não teve ninguém da classe, que saiu e falou, “não, pô, não é isso”.

- Porque ele não teve, não contou com a rede de simpatia que, por exemplo, se alguém amanhã acusar um Chico Buarque de Holanda, um Caetano de qualquer coisa, eles tem uma rede de simpatia nos companheiros, na estrutura, tem um *esprit de corps*, quer dizer, tem um espírito de corpo, tá ligado pra defender essas pessoas. O Simonal não fazia parte do espírito de corpo.

- Essa rapaziada da canhota levava esse papo, quer dizer, a rapaziada da canhota não se considerava, nem era, uma rapaziada da canhota. Eram artistas sérios, engajados, tal, e essa irreverência do Simonal, essa irresponsabilidade política também do Simonal, criava um mal estar danado.

- Então, quando você junta a fome com a vontade de comer, você pega e tem um cara que tá tendo muito sucesso, que não é engajado, e que é de cor, não sei o que, não sei que lá, de

repente era uma vítima, era um petisco para todos os preconceitos possíveis. Preconceitos teóricos e práticos.

- Aquela coisa do lutador de capoeira, quer dizer, “eu não queria dar pernada no cara, mas ele se plantou pra mim, né? Sentei-lhe a perna na cara.”

- Parecia aqueles filmes, que aí a testemunha fala uma coisa, todo mundo “oh”, e tudo era muito “oh”, né? Eu não sei bem, tudo me pareceu muito armado, entende? Aqueles dois caras como testemunha, dizendo que o Simonal trabalhava com eles. É uma coisa difícil de acreditar porque o Simonal era artista demais pra tá metido naquilo.

- Eu fui condenado a cinco anos e quatro meses de prisão, e mais um ano por medida de segurança, devido à minha alta periculosidade. A minha alta periculosidade.

- É uma história trágica, realmente trágica, por causa de um negócio que foi mal explicado. De repente até esse contador merecia levar uma surra. Tudo é possível, né?

- Você é?

- Eu tô vindo lá do Rio, e a história é o seguinte: eu tô trabalhando num documentário, é sobre o Simonal.

- Aí, depois de quarenta anos, vocês vão mexer tudo outra vez?

- São trinta e quatro anos que vai fazer agora, tá? Trinta e quatro anos, e eu não tive a oportunidade de me pronunciar. Minha versão nunca foi ouvida.

- Fui conhecer Simonal depois de um mês, que ele tava no México lá, negócio de Copa do Mundo, sei lá o que, né? De seis a oito meses, correu tudo normalmente, tudo muito bem. Eu não tinha muita ligação com ele, sabe? Não tinha. Dificilmente trocava palavra com ele. E eu não sei o que que houve com a Shell, no aeroporto, com o presidente da Shell. O homem ficou esperando mais ou menos uma hora e meia lá no aeroporto, e ele ficou dormindo enquanto isso. Ele era irresponsável, entendeu? A Shell cortou, aquela receita lá não existiu mais. Então ele tava vivendo somente dos shows, e os shows não eram suficientes pelo nível que ele queria levar. Aí foi indo, foi indo, foi indo mal, ele pegou um dia falou assim, “olha, eu preciso da chave do escritório porque eu não preciso mais dos seus serviços aí.” Falou simplesmente assim. Me demitiu, né? Eu consultei o advogado, né? Falei pra ele, “olha, eu tô desse jeito, né? Não vai pagar mais aluguel, não vai me dar dinheiro, eu não sei o que eu vou fazer.” Aí ele falou, “olha, vamos mover uma ação trabalhista.” Ele ficou puto por causa do processo, que ele tinha audiência lá com o juiz, lá. Que era um absurdo, eu tá processando ele. Mais ou menos lá pra meia-noite ele mandou dois brucutus lá no apartamento, me pegar lá.

- Na hora que eu ví o Jorge, que era o motorista do Simonal, eu gritei pra ele, “não vai, porque é perigoso.” Eu gritei. Aí ele sumiu.

- Eles me levaram pro escritório. Dois caras me levaram pro escritório, onde tava o Simonal lá e mais gente, lá. “Eu descobri que tem um roubo aqui, nesse escritório. Tem um rombo aqui. Você confessa aí, melhor você confessar”. Eu falei, “olha, eu não vou confessar nada. Não existe isso daí. Isso é sonho seu, né? Você sonhou com isso daí.” Aí, “tá bom, ele não vai confessar”, “não, não vou confessar nada.” Aí os dois caras me levaram lá pro DOPS. Mas eu não entrei assim, normalmente, legalmente, sabe, pela entrada. Foi por uma entradinha lá. Aí chegou lá, encontrou mais um tal de capitão lá. “Não teve roubo nenhum lá.” “Ah, não teve?” Pah! Aí começou a me dar pancada, e eu fui continuando insistindo que não tinha roubo nenhum, que não tinha nada. Que aquilo lá era tudo papo dele, e que não existia. Aí eles foram aumentando, aumentando, e eu fui resistindo. Aí, um hora, um deles trouxe um telefone, um telefone com uma manivela, e dois fios descascados, né? Enrolaram os fios nas pontas dos dedos e rodaram a manivela. Aquilo dava uma descarga violenta. Na língua também. E aquilo lá eu aguentei, eu suportei tudo. Apesar de que eu falei, “bom, eu vou morrer aqui.” Mas aí, quando eu desisti de enfrentar, foi quando eles ameaçaram de buscar eles. “Não, então vai pegar aquela família dele. Vamos acabar com a raça toda”, isso o capitão falando. E fingiram, né, simularam que iam. Aí eu fiquei apavorado e falei, “não, não, eu confesso, eu confesso.” E lá eu ouvi muita gritaria de gente preso político, lá, gemido... Como eu gritei e gemi, né, eu ouvi outros. E aí vinha um cara e “pah!”, me batia, “vai, escreve aí!” Depois vinha outro. A noite toda assim. E chegou uma hora, eu falei, “eu preciso escrever, senão eu... eu preciso sair daqui.” A minha idéia era essa. Então eu comecei a simular uma história convincente, uma história coerente. Assinei, e falei, “taí a confissão.” E chegou de manhã, ele foi lá. Ele foi lá no DOPS. Nesse íntere, minha mulher tinha dado queixa na polícia civil.

- Quando foi onze horas, mais ou menos, ele apareceu. Ele chegou, foi aquele desespero, porque ele era vermelho da ponta do pé na cabeça. Ele era um vermelhão só. Nisso chegou o... como é que chama?... o delegado lá, o...

- Comissário.

- O comissário.

- Peixoto, lá...

- Ele falou, “mas ele chegou?” Eu falei, “ele acabou de chegar.”

- Ele queria saber onde eu estive. “Eu preciso dar baixa lá na queixa de sequestro.” Então eu falei com meu advogado, “o homem quer saber onde eu fui, e se eu falar vai ser ruim, né?” Ele falou, “olha, você já tá ferrado”. Ele falou até um outro palavrão lá, né. Ferrado, ferrado e meio, uma coisa assim. “Convoca a imprensa lá e fala tudo o que você passou, o que aconteceu, onde você esteve.” Foi o que eu fiz. Aí então ele pegou e intimou ele pra vim, o Simonal pra ir na delegacia. Aí ele não foi. Não foi, aí depois ele falou, “se ele não vier, eu vou ter que trazer.” Ele veio no dia seguinte, e veio com essa história toda de que ele tinha me levado por causa que eu era terrorista. Ligavam pra casa dele ameaçando de bomba, não sei o que. Tudo mentira. E foi uma triste orientação do advogado dele, sabe? Vir com essa história aí, porque isso aí derrubou ele, essa história. Ele foi infeliz no caminho que ele seguiu, né? Você raciocine aí, que ele veio orientado, como eu repito, pelo

advogado com esse assunto, entendeu? Porque era o assunto dominante naquela época, 71, era subversão, terrorismo, sei lá o que né, ditadura. Então ele veio com essa conversa ali, pra justificar por que o DOPS, entendeu? Por que o DOPS nisso tudo aí. Se era um simples roubo, ou furto, sei lá o que. Não perdoei mais ele, né. Já tá achando que ele era idiota, e tal, que veio na conversa dos outros, por isso que ele fez aquilo. Mas ele esteve lá, ele viu. Ele não teve pena do meu sofrimento lá, entendeu? Ele não teve pena não, por isso que eu não tive mais pena dele depois.

- A partir desse episódio, em que ele se envolveu tristemente, houve um grande silêncio combinado em torno do Wilson Simonal.

- Virou um tabu, as pessoas... ninguém, virou como um leproso, um pária assim. As pessoas foram muito covardes também nisso, e eu senti muitas vezes, claramente, as pessoas desafogando a sua mágoa, o seu ressentimento.

- Retiraram os discos de catálogo. O campo restrito de trabalho dele diminuiu, porque às vezes, quando uma casa de show se propunha a fazer um show com o Simonal, artistas ligavam pra casa e falavam, “olha, se tiver show do Simonal, artista tal, tal, tal não vai mais cantar aí.”

- Lá em São Paulo, num show que eu fui fazer, amigos dele me sugeriram que convidasse ele pra participar, dando um canja. Os músicos que tocavam comigo tavam levando a sério esse boicote em relação ao Simonal, então eu não quis entrar em choque com eles, eu não tive a iniciativa de convidar ele pra tocar comigo, pra dar essa canja. Eu sinto que foi uma atitude talvez até, vamos dizer, de receio, de medo, de covardia, sei lá, da minha parte. Mas também não podia, ao mesmo tempo, a situação era complicada.

- Ele, como era um cara que, segundo a esquerda, que era um cara que defendia a direita, e que apoiava a direita, foi um cara que foi banido da Rede Globo, por exemplo, entendeu? Era um cara que era proibido de aparecer na Rede Globo. Então é diferente, um cara de direita que não pode aparecer na Rede Globo, é um negócio que, naquela época...

- E se ele fosse realmente um pessoa a serviço do sistema, o sistema todo naquele momento teria debruçado em cima do Simonal. E o que que teria ocorrido? Nós da mídia, que nós estávamos sob censura, sob imposições do governo, nós teríamos feito do Simonal a nossa única programação, porque não tenha dúvida nenhuma que vinha lá o cara e diria assim, “não pode os outros, só pode o Simonal.”

- Se eu parasse seis meses, o público me esquecia.

- Nenhuma empresa, a própria Rede Globo de Televisão, nem outras empresas, planejaram um boicote para o Simonal, mas os diretores de programa, os seus colegas de trabalho, tinham uma dificuldade em trabalhar com ele. Então, você escalar o Simonal era uma dor de cabeça.

- 74, 75, até 92, 93, nesse período, não existia Wilson Simonal.

- “Pô, Simonal, você não grava mais. Pô, Simonal, não faz mais show. Parou de cantar?” Às vezes, no posto de gasolina, vinha um cara, “pô, Simonal, parou de cantar?” Entendeu? Aí, o cara fala assim... você imagina você passar vinte anos ouvindo uma pessoa falar assim, “pô, parou de cantar”, e você querendo cantar, entendeu, querendo...

- O Simonal nunca foi julgado nem vaiado pelo público. Ele foi julgado e vaiado pela própria classe dele, e pelos veículos de comunicação.

- É um negócio complicado. É a mesma coisa, realmente, de você estar num jogo, pô, e na hora de você fazer o gol pra estourar o Maracanã, vem um policial e te rouba a bola. “Não, para. Rouba a bola, juiz.” Puta, deve ser um negócio muito triste.

- E é muito triste, se relegar a um artista, não só no caso dele, ao massacre, e depois do massacre, a Sibéria, a Sibéria da repercussão. O sujeito vai pra Sibéria. Lá, aonde o frio é quarenta graus abaixo de zero, o frio da alma. Lá, aonde ele tem que beber pra se aquecer. Lá, de onde ele não pode sair. E aí veio uma depressão, aí veio o alcoolismo, aí veio o sofrimento inimaginável.

- Estava magoado, e a mágoa mata. Eu já vi, tem muitos amigos meus que já morreram de mágoa. Achando que o talento dele não foi reconhecido, que é uma espécie de complô. E, de repente, quando o cara vê, ele não consegue sair mais daquele buraco.

- Do que eu saiba, quer dizer, Vinícius de Moraes não tomava só água, entendeu? Tom Jobim também não, quer dizer, a maioria. Por que que o Wilson Simonal virou alcoólatra? Porque não dava pra ele tomar leite ou água, num momento difícil, quando ele vê todo mundo da bossa nova na televisão, todo mundo mostrando seu trabalho, e o nome dele nem ser referenciado. Tinha mais é que encher a cara, pra poder dormir, senão não ia conseguir, ele ia ficar chorando a noite inteira.

- Ele teve uma cirrose hepática. Ele teve muito mal. Sabe, o homem puxou a ficha dele, depois deu um tempo, mas ele teve mal.

- Ele começou a ficar estimulado novamente, assim, né? E as coisas começaram a aparecer de novo.

- *Eu não sou cachorro não...*

- Supermercados São Cristóvão, ao lado da Praça Padre João Maria.

- Que categoria!

- *Pelo amor de Deus, não compre em outro não, compre só no Cristóvão.*

- *Num país tropical, tradição de natal...*

- - *Nem Vem Que Não Tem*  
*Nem vem de g... como é a letra mesmo?*  
*Nem vem de “escada”*  
*Que hoje é dia de sopa*  
*Esquenta o ferro*  
*Passa a minha roupa*  
*Eu nesse embalo*  
*Vou botar prá quebrar*  
*Sacudim, sacundá*  
*Sacundim, gundim, gundá!...*  
*Nem Vem!*  
*Numa casa de caboclo*  
*Já disseram um é pouco*  
*Dois é bom, três é demais... aí, sei lá...*

- Mas quem é o nosso convidado, Milê?

- Você costuma dizer que o sangue dele é verde e amarelo.

- Ah, então eu já sei. Um dos maiores artistas que o nosso Brasilzão tem. Quem não conhece Wilson Simonal? Só pra você, e pra você também.

- *Eu canto esta canção*  
*Em busca de sorriso*  
*Estenda a sua mão*  
*E venha ser amigo*  
*Do cordão do amor*  
*Seja também cantor*  
*Eu canto com você*  
*Você canta comigo*  
*E a gente poderá...*

- Até que acontecem os primeiros problemas. Começavam assim as respostas, “o *release* ainda é maravilhosa, só que a figura dele ainda está vinculada à ditadura.”

- Ele me disse claramente, “eu continuo sendo um fantasma, pra mim mesmo, e o que é pior, pro meu país.”

- Eu acudi muitas vezes ele, sabe? Porque ele falava, “Sandra, eu não existo. Você quer coisa pior no mundo? Eu não existo na história da música brasileira.” Aí a gente ia pro hospital, ou então eu chamava o médico aqui em casa, aí tentava melhorar o quadro, e tudo bem. Aí tá, passava. Aí alguma coisa, sempre nesse sentido, que pegava mais. Aí, a ponto dele querer proteger tanto os filhos sabe, tá muito feliz que os filhos dele, graças a Deus, tem talento e tão trabalhando, a ponto dele ver show dos filhos dele em algum local, e se esconder atrás da pilastra, pra que nada pudesse prejudicar os filhos. Isso eu tava junto e eu vi, entendeu? E às vezes eu ficava até no carro esperando, porque eu achava, assim, forte demais, sabe? Mas ele não queria que ninguém prejudicasse os filhos dele, então ele ia



assistir o show dos meninos em vários locais e ficava escondido. Aí ele saía de lá orgulhoso, chorando muito. E eu já levava todo o kit, né? Porque era sempre a mesma coisa no carro. Aí eu amparava ele, entendeu? “Sandra, eu tô encantado com meus filhos.” Falei, “pô, Simonal, por que você não foi falar com eles?” “Não, você não sabe como é que é? De repente eu vou lá, vou estragar, os meninos vão ser prejudicados.” Aí ele chorava de soluçar. A luta dele pra limpar o nome foi árdua. Então a gente foi pra Brasília, ele batendo na porta da Secretaria de Direitos Humanos. O documento existe, falando que ele nunca pertenceu ao DOPS, a secretaria nenhuma na época, e totalmente isento disso tudo, o que infelizmente não teve o apogeu que o Simonal queria que tivesse, de gritar pro Brasil inteiro, pro mundo numa mídia.

- Agora, Simonal, você tem um documento que prova que nunca foi dedo-duro, não é isso?

- Tenho, tenho...

- É o DOPS, não é isso? Sua ficha é limpa no DOPS.

- Eu tô mostrando tudo isso aqui pra você, pra você entender o seguinte...

- Sei. Isso aqui é da Presidência da República...

- Presidência da República, Secretaria de Assuntos Estratégicos. Essa coisa é demorada. Houve uma investigação.

- É, houve uma investigação.

- Então, diz assim, se a câmera puder mostrar, tá aqui: “Presidência da República, Secretaria da Assuntos Estratégicos. Ilustríssimo Sr. Wilson Simonal...”, eu morava na Alameda Franca, “em atenção ao requerido por vossa excelência, informo que não foram encontradas, na documentação deixada pelo extinto Serviço de Informações, anotações que o apontem como servidor ou prestador de serviço daquele órgão.”

- Isso aqui que ele leu define tudo.

- Gostaria muito que aparecesse um cara delatado pelo Simonal. Um, que dissesse assim, “eu! A mim o Simonal denunciou.” Esse cara, um desses caras qualquer. Um, um! O filho de um. O neto de um. O parente de um. Alguém que conheça um que tenha sido denunciado pelo Simonal. Não existe.

- Eu sentia que quando eu via as entrevistas dele ele tava mais cansado, mais de saco cheio, já mais sem força pra tocar a vida, né? Cada vez que se tocava num assunto dessa natureza, ele ficava muito chateado, muito machucado. Coisas que antes ele até poderia tirar com mais bom humor, entendeu, dependendo do momento, tirar um sarro, e brincar, já não. Era uma coisa que se tornava uma coisa pesada. Era um fardo muito grande, assim.

- Digo mais uma vez: desafio o presidente da república, desafio o ministro da justiça, desafio a qualquer autoridade competente que existir nesse país, que prove se algum dia eu tive alguma ligação com o órgão de segurança nacional, no sentido de prejudicar alguém.

- Teve uma overdose de ostracismo, entendeu? Pior, sabe assim, eu acho que ele não queria mais viver assim.

*- Tá chegando a hora, a hora  
O dia já vem raiando, meu bem  
Eu tenho que ir embora  
simbora, simbora, simbora, simbora  
Eu já vou simbora*

- O cantor Wilson Simonal está internado a vinte e cinco dias com complicações no fígado. Os médicos dizem que o estado de saúde dele é muito grave.

- E ele já não podia falar mais nos últimos dias, mas ele olhava fixo, sabe? E olhava pra mim como quem diz, “será que dá tempo ainda de a gente fazer alguma coisa? Ou faz alguma coisa.”

- E eu não tenho dúvida nenhuma que a hora que o Simonal tava no final da vida, bateu um arrependimento em um monte de gente. Não porque tenha feito alguma coisa, mas porque tenha deixado de fazer.

- Ele morreu de cirrose. Podia ter sido eu. Mas, em suma, sem rancor, sem rancores, entendeu? Eu acho que não há mais motivo nenhum de ficar alimentando um negócio que foi feito numa época de radicalização, que a gente vivia preso, e a gente também, evidentemente, não reagia com isenção de ânimo, né? Então, é isso aí...

- A vida tem que seguir em frente. Eu acho que você não pode ficar remoendo, porque não vai fazer o tempo voltar. As coisas não vão ser como eram antes, e não dá pra ter raiva das pessoas. Que eu acho que a ocasião também colabora muito pra atitude que as pessoas tem.

- Uma das coisas que a gente pode fazer é tentar escrever melhor a história do nosso país, pras novas gerações, pras pessoas poderem fazer o que meu pai fez comigo, que é me ensinar a andar de cabeça em pé.

- O que tem que ficar claro, eu acho que o que é importante, é que a gente como filho, é justamente tá sempre lembrando a coisa artística, entendeu? A qualidade artística do trabalho dele, a importância que ele teve dentro do cenário da música popular brasileira. Tem que usar, o que a gente tem dentro da gente pra valorizar isso, e não pra querer ficar alimentando um negócio, um ódio, ou uma mágoa. Acho que tem que tentar dar uma continuidade nessa felicidade que ele nos trouxe.

- Vou aproveitar e vou deixar cair um numerozinho.

*- Descendo a rua da ladeira  
Só quem viu que pode contar  
Cheirando a flor de laranjeira  
Sá Marina vem pra dançar  
De saia branca costumeira  
Gira o sol que parou pra olhar  
Com seu jeitinho tão faceira  
Fez o povo inteiro cantar*

*Roda pela vida afora  
E põe pra fora, essa alegria  
Dança que amanhece o dia de se cantar  
Gira que essa gente aflita  
Se agita e segue, nos seus passos  
Mostra toda a poesia do olhar*

- Outro dia eu falei isso pra uma roda perigosa, politicamente muito correta. E eu falei, “o maior cantor do Brasil foi o Simonal.” E aí houve um certo desagrado, assim, “não, não foi não.” E eu falei assim, “então tá. Quem?” Ficou sem resposta.

- Tem que ter outra vida. E nessa outra, ele vai estar dividindo a platéia. Os anjos de cá cantam “lá, lá, lá, lá, lá...”, e os arcanjos de cá cantam “lá, lá, lá, lá, lá, lá...”, porque ele vai dominar. E São Pedro, “o que que esse cara tem, que manda nos anjos mais do que eu?”

*- Deixando os versos na partida  
E só cantigas pra se cantar  
Naquela tarde de domingo  
Fez o povo inteiro chorar  
E fez o povo inteiro chorar  
E fez o povo inteiro chorar  
E fez o povo inteiro chorar...*